



PESQUISA DO IESP APONTA POUCA DIVERSIDADE NO CINEMA BRASILEIRO

Negros, que são maioria na população brasileira, estão em proporção severamente inferior nas telas

Uma pesquisa do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), vinculado ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da UERJ, concluiu que o cinema brasileiro possui pouca diversidade de gênero e de raça. As funções de direção, roteiro e atuação são caracterizadas por esta disparidade nos filmes de maior público entre os anos de 2002 a 2012. O homem branco é quem detém o protagonismo seguido da mulher branca. Logo atrás ficam os homens pretos e pardos e, por fim, mulheres pretas e pardas que nunca dirigiram ou roteirizaram nenhum dos filmes analisados.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelados em 2016 apontam que a população brasileira chegou a 205,5 milhões, sendo a maioria composta por mulheres. O último censo mostra que 95,9 milhões são pardos e 16,8 milhões são pretos que, em um somatório, representam a maioria do povo brasileiro, ou seja, um país predominantemente negro. “No cinema ou na teledramaturgia a imagem que as grandes empresas circulam sobre o Brasil é completamente alheia à realidade.

Negros, que são maioria na população brasileira, estão em proporção severamente inferior nas telas.”, afirma Marcia Rangel, doutoranda em Ciência Política do IESP e subcoordenadora de pesquisa do

GEMAA. “É responsabilidade de todos nós identificarmos o país do qual falamos. Quem vive aqui, o que se produz sobre nossa história e quem trabalha para enrijecer distinções sociais negativas. Se não somos capazes de reconhecer a seriedade do racismo no país, nos tornamos coniventes”, acrescenta.

Recentemente, a novela Segundo Sol, dirigida por Denis Carvalho e Maria Médicis, exibida pela Rede Globo, foi alvo de fortes polêmicas pela carência de representatividade. A direção da trama escalou um elenco predominantemente branco para representar o povo baiano, que é considerado pelo IBGE, a população de maioria negra do Brasil. “Alguns setores da sociedade tendem a argumentar que contestar essas circunstâncias é impor ‘censura’ à arte e limitar a criatividade. No entanto, acredito que a pergunta importante a confrontarmos todos os dias é ‘a quem serve a arte?’, complementa Marcia.

Ainda de acordo com o estudo do GEMAA, de 2002 a 2014, homens brancos dominaram o elenco principal das 20 maiores bilheterias de cada ano. Ao todo, eles representam 45% dos papéis mais relevantes. Depois vêm mulheres brancas (35%), homens negros (15%) e, por último, mulheres negras (apenas 5%). Em 2002, 2008 e 2013, nenhum filme analisado pelos pesquisadores foi protagonizado por uma mulher negra.

70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos - 100 anos de Nelson Mandela

28ª
UERJ
sem muros

DE 24 A 28 DE
SETEMBRO
DE 2018

APOIO: NIEL ROSA, CEPED, DAF, FAPERJ

REALIZAÇÃO: SRS, UERJ



Reitor: Ruy Garcia Marques **Vice-reitora:** Maria Georgina Muniz Washington

Comuns | Diretoria de Comunicação Social • Direção: Luiza Rosângela da Silva. UERJ em Dia — **Edição:** Lucas Gayoso **Redação:** Andréia Rêgo, Flávia Astorga, Lucas Gayoso, Paulo Filgueiras e Tereza Cristina **Estagiários:** Aline Daflon, José Atalide, Letícia Motta **Revisão:** Comuns **Direção de arte e Design:** Luiza Silva e Paula Caetano **Diagramação:** Paula Caetano • **Contato para divulgação de cursos e eventos:** uerj.comunica@gmail.com

Os dados sobre cursos e eventos são de responsabilidade dos respectivos organizadores.